CALÍ BOREAZ

balada dos radios quadridimensionais

MIRADA

estou muito compenetrada na imagem suspensa de um hipercubo a girar

: na visão do pássaro a passar entre os fios da fiação-elétrica-sobre-azul
: na janela do 8º andar por onde cai lentamente alguém — em forma de nada
: no momento em que uma cor se apaga e outra se acende no semáforo
: no vidro a emudecer o frenesim do lançamento na livraria-café
: na fé quanto à necessária inutilidade de toda a poesia ali contida
na medida em que ela é
o contributo humano à infinitude do mundo — e para que serve
o infinito

eu estou muito compenetrada na imagem suspensa de um hipercubo a girar

: na intermitânsia do letreiro a anunciar o café curativo da ansiedade
: na busca alheia do gesto que livre a palavra do livro
: no suave compadrio entre o que arde em cada coisa da cidade
: na cidade como arte do encontro de linhas geométricas mas não de gente
: na tampa do esgoto que não explode pouco antes que eu pise nela
: no fogo a comer a outra parte da cidade enquanto esta sofre de
esgotamento tampado, enquanto eu

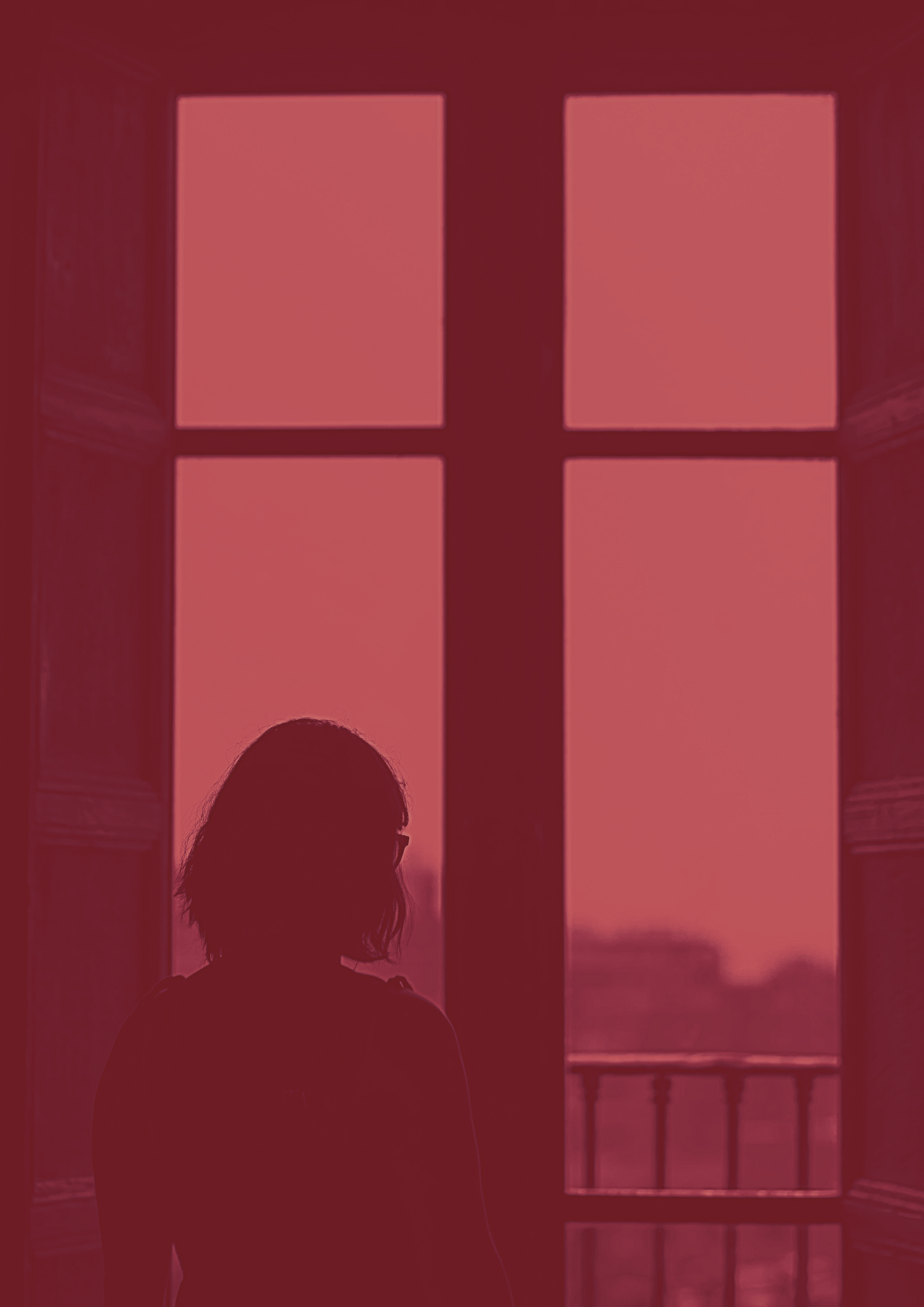
continuo muito compenetrada na imagem suspensa de um hipercubo a girar

: na rasteira balística dos bilhões de sapatos ritmados a desarrumarem-se rumos
: na consciência da carteira vazia de notas e moedas e mesmo do que as precede
: na súbita e esmagadora surgência de um prédio abandonado
: na súbita e esmagadora percepção da beleza que há num prédio abandonado
: no que há de súbito e esmagador em perceber que no abandono assim
muito assumido nos livramos de quase tudo e quase nada nos falta,
só um pouco de ar, e por isso é que eu

ainda estou muito compenetrada na imagem suspensa de um hipercubo a girar

atenta, a ver se a aresta-âmago a-que-brilha pára de frente pra mim
parece simples mas estou há oito mil anos nesta vã guarda
e depois não sei — penso que brilharei e esmerilharei todas as formas
da leveza
e da inutilidade inaugurais
penso que até sou capaz de pular carnavais (outra vez)
assim como quem se expande a partir de um 8º andar
levando consigo os pássaros os semáforos
os estilhaços dos vidros — e da poesia
as tampas dos esgotos pelo ar
e os passos dos funâmbulos finalmente
a desabar
e os fogos todos soltos
a confiarem-se as danças dos grandes vazios dos grandes lugares
o café os livros o poder de compra
recalculadamente
a brincarem de avoar com as crianças
ah, depois não sei — penso que a cidade toda será
não o chroma key do artista mas
a carótida das profundas crianças que nada sabem da língua e
só querem o abandono da cambalhota no ar, e rir
e rir demasiado
.
o que sei é que no desmazelo poético da cidade
o hipercubo continua a girar e eu, aqui à margem de tudo,
largar-me!
não
me posso distrair
é que se não tivesse já parado, ainda podia parar
.
com uma vênia ao equilibrista
está tudo justificado

*poema do livro tesserato (Caos & Letras, Brasil, 2019/2020)



calí boreaz nasceu em Portugal, onde estudou Direito, em Lisboa, em meio às noites de fado e flamenco. Viveu em Bucareste, na Romênia, onde estudou língua e literatura romenas e tradução literária. No virar de 2009 para 2010, atravessa o Atlântico rumo ao sul para viver no Rio de Janeiro, onde se entrega ao estudo e ao ofício do teatro. Na literatura, traduziu do romeno os romances *O regresso do hooligan* [ed. ASA, Portugal], de Norman Manea, e *Lisboa para sempre* [ed. Thesaurus, Brasil], de Mihai Zamfir. Seu livro de estreia, outono azul a sul [ed. Urutau, Portugal & Brasil, 2018], é um relato poético do exílio e da clandestinidade, e tem posfácio de João Almino e desenhos de Edgar Duvivier e António Martins-Ferreira. calí integra a coleção *Identidade vol. II* da Amazon Kindle [2019] com o conto islandeses. Em 2020, surge, pela Caos & Letras, seu segundo livro de poesia, *tesserato*, uma reunião de tentativas poéticas acerca da suspensão e do deslocamento na imobilidade. Seus textos têm aparecido também em várias revistas literárias brasileiras, portuguesas, galegas e mexicanas, bem como em exposições de Portugal e da Índia. [casas virtuais: caliboreaz.com | instagram.com/caliboreaz]

Fotos: Rikki Jr, Ronaldo de Oliveira, Korpa (Unsplash) e Rose Serra
Diagramação e Conceito Visual: Taciana Oliveira

MIRADA